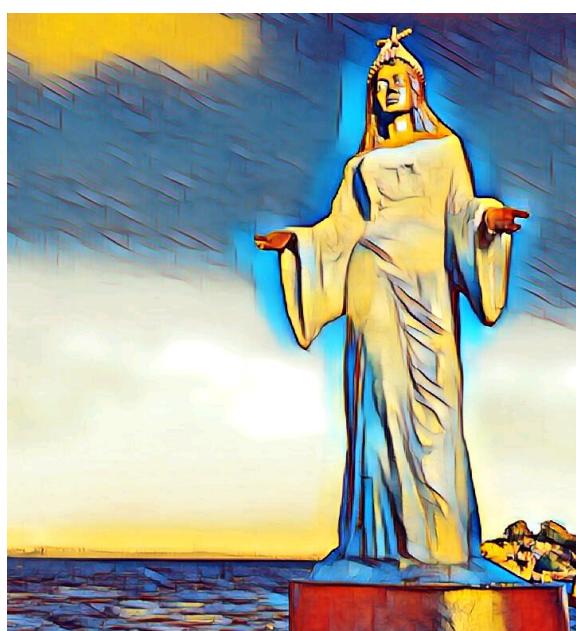
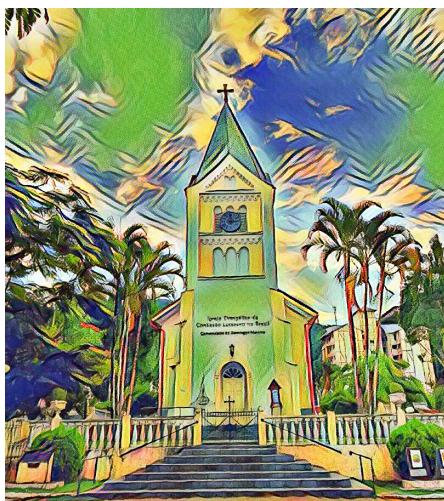


João Felipe Reali Mai  
Diemerson Saquetto

# AS FÉRIAS DE FRANCISCO

CONHECENDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA  
DO ESPÍRITO SANTO



JOÃO FELIPE REALI MAI  
DIEMERSON SAQUETTO

# **AS FÉRIAS DE FRANCISCO**

**CONHECENDO A DIVERSIDADE RELIGIOSA  
DO ESPÍRITO SANTO**

**1<sup>a</sup> Edição**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo  
Vitória - 2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

M217f Mai, João Felipe Reali.

As férias de Francisco [recurso eletrônico] : conhecendo a diversidade religiosa do Espírito Santo / João Felipe Reali Mai, Diemerson Saquetto. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2019.

59 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-486-8 (E-book)

1. Ensino religioso – Estudo e ensino. 2. Pluralismo religioso -- Educação. 3. Liberdade religiosa – Educação. 4. Igreja e Estado. 5. Ensino – Meios auxiliares. 6. Professores – Formação. I. Saquetto, Diemerson. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 377.1

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

**Instituto Federal do Espírito Santo**  
Avenida Rio Branco, 50 – Santa Lúcia  
29056-264 – Vitória – ES

**Comissão Científica**  
Antônio Donizetti Sgarbi  
Fernanda Zanetti Becalli  
Marcelo Martins Barreira

**Coordenação Editorial**  
Antonio Donizetti Sgarbi  
Leonardo Bis

**Apoio de Fotografia**  
Adalgiza Gonçalves Gobbi da Silva  
Fernanda Ferreira Furtunato  
Usilio Braz Pivetta

**Ilustrações e Diagramação**  
João Felipe Reali Mai

**Revisão de texto**  
Marilene Mai

**Produção e Divulgação**  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória  
Av. Vitória, 1729, Bairro Jucutuquara  
Vitória, Espírito Santo. CEP: 29040-860

# INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR PELA  
**Reitor**

ANDRÉ ROMERO DA SILVA  
**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

RENATO TANNURE ROTTÀ DE ALMEIDA  
**Pró-Reitor de Extensão**

ADRIANA PIONTKOVSKY BARCELLOS  
**Pró-Reitora de Ensino**

LEZI JOSÉ FERREIRA  
**Pró-Reitor de Administração**

LUCIANO TOLEDO DE OLIVEIRA  
**Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional**  
**IIFES – CAMPUS VITÓRIA**

HUDSON LUIZ COGO  
**Diretor Geral**

MARCIO ALMEIDA CÓ  
**Diretor de Ensino**

CHRISTIAN MARIANI DOS SANTOS  
**Diretor de Extensão**

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI  
**Diretora de Administração**

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA  
**Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação**

LEONARDO BIS  
**Coordenador do PPGEH**

# AUTORES

## JOÃO FELIPE REALI MAI

Psicólogo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Mestre em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES). Possui experiência com políticas públicas, especialmente na área da assistência social.

## DIEMERSON SAQUETTO

Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Psicólogo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em História Social e Política (UFES). Doutor em Psicologia (UFES). Diretor Geral do Campus Vila Velha do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Mestrado Profissional em Ensino de Química, além de diversos cursos de graduação e técnicos do IFES.

AGRADECEMOS ao Instituto Federal do Espírito Santo, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, à banca examinadora e a todos os amigos e colaboradores que contribuíram com nosso projeto e a criação deste e-book educativo.

# SUMÁRIO

AUTORES.....	05
AGRADECIMENTOS.....	06
APRESENTAÇÃO.....	08
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>10</b>
FINALMENTE FÉRIAS	
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>16</b>
A TORRE DA IGREJA	
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>24</b>
TUDO ZEN	
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>32</b>
O DOM DA TOLERÂNCIA	
<b>CAPÍTULO 5.....</b>	<b>39</b>
AS ÁGUAS DE KAYA	
<b>APONTAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....</b>	<b>47</b>
<b>CRÉDITOS DAS IMAGENS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>



# Apresentação

Este e-book nasceu como produto educacional da pesquisa intitulada "Ensino (do) Religioso e Laicidade: princípios para uma educação da liberdade religiosa", realizada pelo pesquisador João Felipe Reali Mai, sob orientação do Professor Doutor Diemerson Saquetto, no curso de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo, e foi elaborado para o uso da disciplina de Ensino Religioso em escolas do Estado do Espírito Santo.

O livro conta a história de Francisco, um menino do interior do Rio de Janeiro, que embarca numa viagem pelo Espírito Santo junto com seu avô para conhecer a diversidade religiosa capixaba. Através dos diálogos dos personagens, serão apresentados conceitos e histórias sobre a diversidade religiosa, a relação entre as religiões e a sociedade, e entre diferentes religiões. Os principais conceitos que embasam o material são a laicidade e o pluralismo religioso.

O material dispõe de uma novela educativa e uma parte teórica para os professores. A novela está dividida em cinco capítulos e traz temas relacionados à laicidade, diversidade religiosa, liberdade religiosa, respeito, preconceito e intolerância, entre outros, que se encontram espalhados pelo texto. Ao final de cada capítulo temos propostas de questões a ser trabalhadas. Não se pretende esgotar os temas através do material, mas possibilitar sua discussão e investigação mais profunda.

A inspiração para a criação deste livro veio da metodologia do programa “Filosofia para Crianças” de Matthew Lipman. O programa pretende transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação onde os alunos possam desenvolver a capacidade crítica e refletir sobre os conceitos e problemas presentes na história.

Na comunidade de investigação os alunos leem histórias, planejam a forma como a investigação vai ser conduzida, negociam e compartilham reflexões. O professor, que também é parte da comunidade, vai ajudar os alunos nesse percurso, orientando, esclarecendo, instigando sempre que necessário para que os alunos se tornam sujeitos autônomos, criativos e transformadores da realidade.

A parte final do livro chamada “Apontamentos teóricos e metodológicos” expõe com mais detalhes quais as ideias que embasam este material e a metodologia que se propõe para o seu uso.

Esperamos que “As Férias de Francisco” sejam inspiradoras para o reconhecimento da diversidade religiosa do Espírito Santo e para a reflexão sobre as relações existentes entre as religiões, o Estado e a sociedade.

# **CAPÍTULO 1**



## FINALMENTE FÉRIAS

### VAMOS VIAJAR

- Finalmente férias! Não vejo a hora de ir pra Vitória.

Francisco viaja para Vitória no sábado. Todos os anos sua família viaja de Bom Jesus do Itabapoana, no Estado do Rio de Janeiro, para a casa dos avós no Espírito Santo.

- Quero ir à praia! - exclamou o garoto.

- Calma, rapaz! Desse jeito você vai ter um troço. - respondeu o pai.

Chegou o grande dia. Francisco entra apressadamente no carro com destino às tão esperadas férias em terras capixabas.

- Francisco! Francisco! - chama a mãe ao menino que acabou dormindo durante a viagem.  
- Oi, mãe! - diz ele sonolento.

- Chegamos.

Francisco arregala os olhos, abre a porta e sai do carro num pulo. Seus avós estavam aguardando no portão de casa. Francisco corre e abraça os dois.

- Bença, vó! Bença, vó!

- Deus te abençoe! - responderam eles.

- Quero muito ir à praia.

- Você irá, rapazinho, mas antes gostaria muito de te levar num lugar amanhã. - o avô falou calmamente.

- Onde, vó?

- No Convento da Penha. Lá é muito bonito. Você vai gostar.

### O CONVENTO

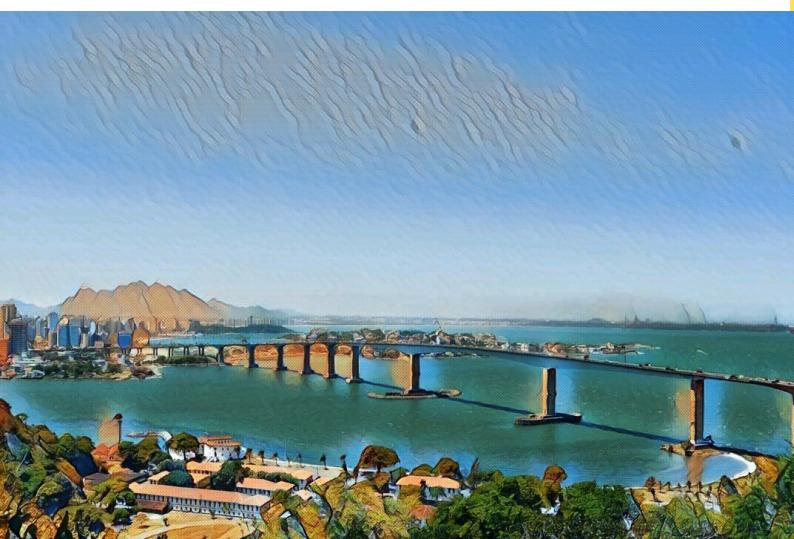
- Fica bem alto, né, vó? - reflete Francisco enquanto atravessam a Terceira Ponte.

- Sim, meu filho. Fica bem no alto.



Francisco se encanta com a subida do convento em meio à mata. Antes de adentrar a igreja, param para admirar a paisagem.

- Que bonita a vista! Vou tirar umas selfies. - se empolgou o garoto.
- Deixa que eu tiro fotos suas, menino. Assim pega melhor a paisagem. - intervém o avô - Vamos lá na igreja. Também dá pra fazer boas fotos.



Após a sessão de fotos aproveitando a vista do Convento, Francisco entra na igreja. Ele observa as paredes, o altar e a imagem de Nossa Senhora da Penha.



Algo o impressiona bastante: algumas pessoas estavam ali rezando de joelhos e mãos levantadas aos céus, uma senhora sentada próxima ao altar passava pelas mãos o seu rosário silenciosamente.

- Como eles estão concentrados, vô!
- Sim. São devotos que vêm buscar a ajuda de Nossa Senhora para os problemas da vida.
- E quem construiu este convento? .
- O convento foi construído pelos franciscanos, mais de 450 anos atrás. - respondeu-lhe o avô.

- Nossa! Quanto tempo! As pessoas vêm rezar aqui desde essa época, então...

- Sabe, Francisco, a religião católica foi trazida pelos colonizadores portugueses pra cá. Era a religião do Reino de Portugal e, por isso, veio junto com os navios para os lugares conquistados pelos portugueses. Na época, a Igreja queria converter os indígenas, e os africanos escravizados trazidos para o Brasil tinham que ser batizados também. Por isso há tantos católicos no Brasil.

- Hummm! Todos viraram católicos, então?

- Mais ou menos. Muitos indígenas mantinham suas religiões e os africanos praticavam as suas disfarçando sob a aparência de devoções católicas. Mais tarde, na época do Império, chegaram alguns protestantes para trabalhar, mas eles não podiam ter suas igrejas, tinham que se reunir em casas para praticar os cultos. Durante o Império o Brasil era um Estado confessional...

- O que é um Estado confessional? -Francisco indagou.

- Um Estado confessional é um país que tem uma religião oficial. A religião oficial tem privilégios políticos que as outras não têm. Como eu estava dizendo, a religião de Estado do Brasil imperial era a Igreja Católica. Isso durou até a proclamação da República.

- Então, mesmo naquela época, já existia mais de uma religião no Brasil. - afirmou o garoto pensativo.

- E hoje continuam existindo, mas são livres para construir suas igrejas, templos e locais de culto. - completou o avô.

- Achei muito bonito como essas pessoas rezam aqui. No Espírito Santo tem lugares assim de outras religiões pra eu conhecer, vô? - Francisco perguntou esperançoso.

- Claro que sim. Te levarei para conhecer alguns. Tem muitas coisas interessantes. Essa semana vamos a Domingos Martins conhecer a igreja luterana. Meu amigo João vai nos contar um pouco da história dela.



# Vamos investigar?

PROPOSTAS DE PESQUISA

## SERÁ QUE?

Na atualidade ainda existem Estados confessionais no Ocidente, como é o caso da Inglaterra e da Dinamarca. Será que os Estados confessionais atuais ainda determinam a religião ou limitam a liberdade religiosa dos cidadãos como no início da Era Moderna? Vamos descobrir?!

## VOCÊ SABIA?

O trabalho escravo foi amplamente utilizado na construção do Convento da Penha. No início trabalharam indígenas escravizados e, depois, os africanos trazidos ao Brasil.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Dê um Google!**



## PARA REFLETIR

O Brasil não possui mais uma religião oficial como no passado. Você acha que, mesmo assim, algumas religiões possuem mais privilégios que outras no nosso país ou mesmo na nossa cidade ou estado? Vamos dialogar sobre isso?

# **CAPÍTULO 2**

## A TORRE DA IGREJA

- Meu pai disse que lá faz frio. - comenta Francisco ao entrar no carro.
- No inverno sim, Francisco, mas estamos em pleno verão. - responde o avô.
- Ahhh! Então não tem diferença daqui. - reclama o menino.

Francisco e seu avô estão subindo a serra capixaba para chegar a Domingos Martins. Desta vez eles irão visitar um templo protestante: a igreja luterana na praça principal da cidade.

- Que estrada bonita! Quanta mata! - Francisco observa pelo caminho.
  - Tem sim. Essa região tem muitas florestas. - diz o avô com um ar alegre.
- De repente, avistam um portal em estilo alemão que dá as boas-vindas a quem chega na cidade.



- Chegamos a Domingos Martins. Cidade do meu amigo João Schneider.

Francisco olha as ruas, casas e comércios, alguns prédios com arquitetura colonial alemã, uma cidade bonita e charmosa. O avô para o carro em frente a uma casa. Um senhor de cabelos brancos e olhos azuis abre o portão e exclama:

- Antônio, meu amigo, quanto tempo!

- Antônio, meu amigo, quanto tempo!
- Já faz alguns anos, não é mesmo, João? Este é o meu neto Francisco.
- Olá, Francisco! Como vai? - pergunta João estendendo a mão ao menino.
- Bem, e o senhor? - responde Francisco apertando a mão de João.
- Estou bem também. Vamos entrar! Acabei de passar um café e tem torradas com chimia também.
- Chimia? - Francisco olha curioso.
- É um tipo de pasta de frutas. - responde o avô.

Enquanto sentam à mesa, João pergunta a Francisco:

- Então veio conhecer a igreja luterana?
- Uhum. Meu avô disse que tem uma história boa sobre ela.
- Sim. Depois do café vamos lá e te conto.
- Vovô disse que fica na pracinha. Engraçado que todas as igrejas que vejo nas praças são católicas.

- É verdade. Aqui em Domingos Martins é diferente. A cidade foi fundada por imigrantes alemães. Os primeiros alemães chegaram a Vitória em 1846, quando o imperador decretou o recrutamento de europeus para colonizar as terras brasileiras. No ano seguinte formaram a colônia de Santa Isabel, que depois se tornou nosso município de Domingos Martins. Boa parte dos colonos era de religião luterana.
- Na Alemanha tem muitos luteranos?
- Sim. Martinho Lutero, que começou o movimento da reforma protestante, era alemão.
- Hummm! Entendi.

Depois do lanche, Francisco, João e vô Antônio foram para a praça da cidade, onde fica a igreja luterana. A praça tem vários canteiros com flores coloridas e a igreja luterana com sua torre.

- Aqui está a igreja, Francisco. - apontou João.
- Ela é igual uma igreja católica. - disse Francisco.



- E aí que está o problema da nossa história, Francisco. - comentou o avô rindo - Lembra que eu te falei que, na época do Império, nenhuma religião que não fosse a católica podia ter templos? Essa igreja foi construída durante o Império.
- 1887, falou João - A igreja foi construída em 1887. Três anos antes de o Império acabar.

- Os colonos desobedeceram as leis, então? - perguntou o garoto.
- Sim. Os colonos desobedeceram as leis. Os colonos evangélicos tiveram muitos problemas durante o Império pelo fato de a religião oficial ser a católica romana.
- Tem mais coisas além do problema com a igreja?
- Tem sim, rapazinho. Um exemplo é o fato de que nossas famílias não eram reconhecidas pelo Império.
- Como não? - perguntou Francisco espantado.
- Os únicos casamentos que o Brasil reconhecia como válidos eram aqueles efetuados na Igreja Católica. Nossos casamentos luteranos não eram reconhecidos. Para o Império, vivíamos numa situação que eles chamavam, na época, de concubinato, que era uma união legítima. O casamento civil não existia.
- Mas isso é um absurdo! - exclamou o garoto.
- Mas, por causa da crescente presença dos evangélicos no Brasil, tiveram tentativas de fazer valer o casamento civil para eles durante o século XIX.



\_ Pelo menos tinha gente tentando resolver o problema.

- Deixa eu contar sobre a igreja. - continuou João - Como eu disse, ela foi construída poucos anos antes do fim do Império. Os colonos brigaram muito com o Governo para construir sua igreja com uma torre, como faziam na Europa. O Governo não permitiu e os colonos começaram a construção mesmo assim.

- Gostei. - afirmou Francisco com um sorriso.

- Um dia, as autoridades do Governo vieram de Vitória e tentaram embargar a construção da igreja. Só que foram recebidos com os colonos armados com machados e quase teve briga entre eles. Com medo, as autoridades do Governo foram embora e a construção da igreja foi concluída.

- Isso é muito louco! Só por causa de uma torre? Era só deixar construir a torre. E esse negócio do casamento?! Naquela época era tudo muito doido.

- Pois é! Isso porque o Estado era ligado à Igreja. Por isso a importância dum Estado laico.

- Estado laico?

- Sim, Francisco. Não te expliquei o que é? - perguntou o avô.

- Não lembro. - Estado laico é quando o Estado é separado da igreja e neutro em questões de religião. O Estado laico surgiu para resolver esses conflitos que havia nos Estados confessionais e garantir os direitos de todas as pessoas independente das crenças religiosas.

- Então o Brasil é um Estado laico?

- Isso mesmo, Francisco. - João falou - Nossa Constituição Federal de 1988, que é a lei maior do país, determina que todas as pessoas tem liberdade de crença e que o Estado não deve promover religiões e cultos.

- Isso é bom, não é? Assim todas as pessoas ficam com direitos iguais. Mas os Estados confessionais ainda existem?

- Sim. Ainda existem Estados confessionais no Ocidente, porém eles também passaram por um processo de secularização e não determinam mais a escolha religiosa dos cidadãos. Alguns deles possuem, inclusive, uma população não religiosa.

- 
- Eu vou ter que estudar muito ainda pra entender tudo isso.
  - Estuda sim, rapazinho, conhecimento sempre é bom pra gente aprender a viver no mundo. Outra coisa que é importante você saber sobre os Estados laicos é que, mesmo o país não tendo religião oficial, as leis e os governantes tem que buscar proteger todas as crenças, e também aquelas pessoas que não tem nenhuma crença religiosa, porque todas as pessoas são cidadãs.
  - É verdade. Tô gostando de conhecer essas histórias. Tô ansioso pelos outros lugares que meu avô vai me levar.
  - Olha! Abriram a igreja, vamos entrar.



# Vamos investigar?

PROPOSTAS DE PESQUISA

## SERÁ QUE?

No Brasil existem leis para proteger e garantir a liberdade religiosa dos cidadãos?

Vamos descobrir?

## VOCÊ SABIA?

A paróquia luterana de Domingos Martins é a primeira igreja evangélica a ser adornada com uma torre no Brasil.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Dê um Google!**



## PARA REFLETIR

Vimos que o Estado é laico, mas você já viu símbolos, práticas ou objetos religiosos em instituições públicas (como escolas, hospitais, câmaras municipais, tribunais, etc.)?

Qual a sua opinião sobre isso? Discuta com os colegas.

# **CAPÍTULO 3**



## TUDO ZEN

- Francisco, acorda!

- Que foi, mãe? - Francisco resmunga com voz de sono e sem abrir os olhos.

- Seu avô já está preparado para a viagem. Hoje não é o dia que vocês vão visitar o mosteiro?

- Deixa eu dormir só mais um pouquinho...

- Larga de preguiça, menino! Levanta e vamos tomar o café.

Francisco levanta sonolento e vai lavar o rosto.

Ao descer pra cozinha, seu avô Antônio já está sentado à mesa e exclama:

- Ô menino, acorda que temos uma viagem pela frente!

Francisco se senta para tomar o café e pergunta:

- Por que tão cedo?

- Ué! Porque eu te falei que lá abrem cedo e quero chegar logo que abrirem.

Depois de tomarem café, Francisco vai pro quarto pegar sua mochila. Antônio vai para o carro esperá-lo.

Ao entrar no carro, Antônio pergunta:

- Não está esquecendo nada?

- Hmm! Ixe! A escova de dentes.

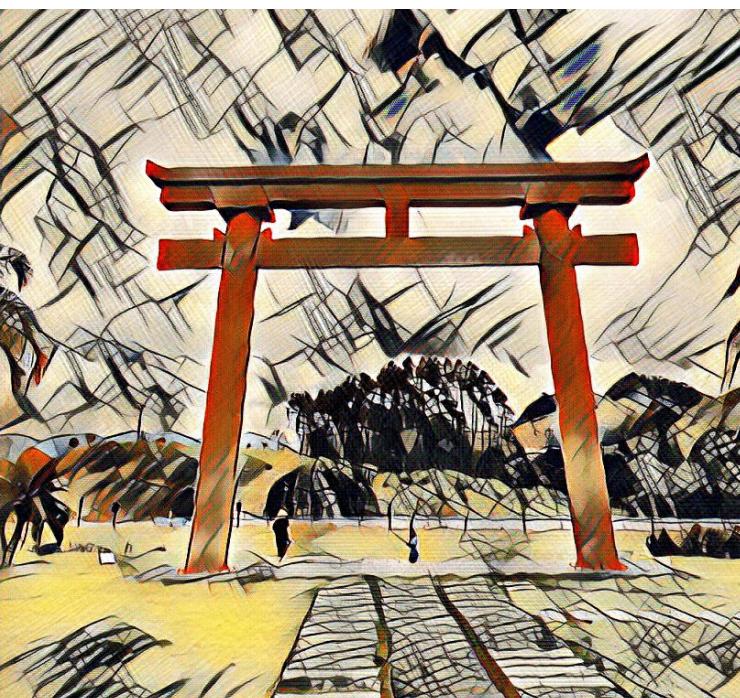
- Eita, menino! Vá logo buscar.

Agora sim o menino e o avô podem partir em direção ao Mosteiro Zen do Morro da Vargem em Ibiraçu.

- Tchau, pai! Tchau, mãe! Tchau, vó! - grita o garoto pela janela do carro.

E partiram.

A viagem dura cerca de 1 hora saindo de Vitória até chegarem num lugar à beira da BR 101 onde um portal japonês vermelho dá entrada a um jardim em que várias estátuas de budas em meditação observam a rodovia.



- Agora vamos pegar a estrada que dá no mosteiro. - disse o avô.  
- Agora é pertinho.

Francisco e vô Antônio chegaram ao mosteiro. Lugar gostoso envolto em mata atlântica e com jardins lindíssimos. Estátuas de budas e pequenas capelas se encontram ao longo do mosteiro.



- Fontes com peixes, jardins zen e muito, muito verde.  
  
- Que lugar lindo! - diz Francisco com os olhos radiantes ao olhar em volta.  
- Sim. Esse lugar é lindo e muito gostoso. - respondeu o avô.  
- Vô, vamos! Quero conhecer esse lugar inteiro.  
- Calma, menino! Que seu avô tá velho. - diz vô Antônio brincando. Enquanto andam pelos jardins, Francisco tira fotos e seu avô lhe conta sobre o mosteiro:

- Este mosteiro foi fundado em 1974, Francisco. A área pertencente ao mosteiro tem cerca de 150 hectares, onde fizeram um trabalho de recuperação da mata atlântica.

- Que massa! Já pensou se todas as religiões fizessem isso, vô?

- Seria muito bom, né, meu filho?! Aqui, além, da prática budista, também tem trabalhos relacionados à ecologia e meio ambiente. É muito bacana.

Após tirar foto de cada canto, jardim e estátua do mosteiro pra postar nas redes sociais, Francisco vai até o mirante com seu avô para ver a paisagem lá de cima. Enquanto Francisco admira a vista, um homem se porta ao seu lado e diz:

- Bonita a vista, não é mesmo?

- Sim. Esse lugar todo é bonito. - afirma Francisco.

- Prazer, sou o Pedro. Como vocês se chamam? - o homem fala cumprimentando Francisco.

- Eu sou o Francisco e esse é meu avô Antônio.

- Prazer, Pedro. - diz Antônio - Vim trazer o Francisco pra conhecer o mosteiro.

- É um lugar maravilhoso. Sempre venho aqui.

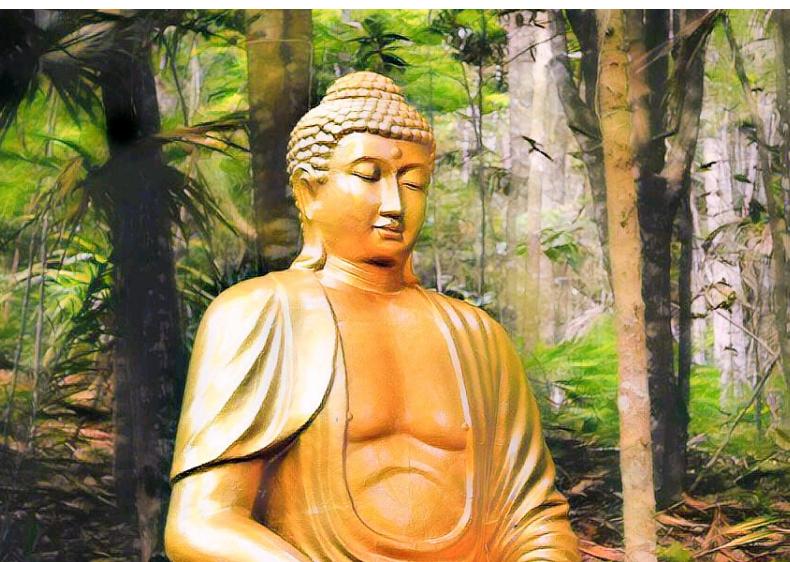
- Você é budista? - dispara Francisco.

- Não, não. Sou espírita. - Pedro responde rindo.

- É que meu avô tá me levando pra conhecer a diversidade religiosa do Espírito Santo, como diz ele. - Francisco explica divertidamente.

- Fomos no Convento da Penha e em Domingos Martins conhecer a igreja luterana. - responde Francisco já emendando com uma pergunta.

- Você é espírita, mas vem no mosteiro budista sempre fazer o quê?



- 
- Venho porque esse lugar me traz paz. Gosto de vir aqui orar e meditar. Me aproxima com Deus.
- Vocês espíritas também acreditam em Deus então... os budistas acreditam?
- Nós espíritas sim, os budistas não.
- Ué! Em que eles acreditam então?
- O budismo ensina que todas as coisas têm a mesma essência de Buda. Pra eles não existe um ser individual que seja eterno, tudo se transforma. Os budistas buscam a iluminação, que é quando você se liberta do apego a tudo que é passageiro e se livra dos ciclos de morte e renascimento.
- E no espiritismo?
- O espiritismo ensina que Deus criou todos os espíritos simples e que vamos evoluindo através de várias encarnações até nos tornarmos espíritos perfeitos.
- Entendi, eu acho. Vou pesquisar mais sobre isso no Google. E essas religiões vieram de onde?
- O espiritismo veio da França e foi codificado por Alan Kardec...
- E o budismo?

- O budismo surgiu na Índia há mais de 2500 anos quando Sidarta Gautama se iluminou e se tornou o Buda.
- No Brasil existem realmente muitas religiões. Meu avô tava falando que muitas vieram de outros lugares do mundo e algumas surgiram aqui mesmo no Brasil.
- Realmente há muitos caminhos espirituais aqui no Brasil. Nós temos as religiões de matriz indígena, as de matriz africana, as que vieram da Europa como o espiritismo e o cristianismo e outras orientais. Aqui elas interagiram e deram origem a outras religiões brasileiras.
- A Índia, onde o budismo surgiu, é bem longe né?
- É sim. O budismo zen é de ainda mais longe: veio do Japão. É que as religiões vão mudando também, o budismo evoluiu de formas diferentes desde que nasceu na Índia e foi sendo introduzido em outros países, dando origem a várias escolas e tradições, dentre elas o zen. Isso acontece em todas as religiões.



Nossa! Longe mesmo. To aqui pensando, você é espírita mas faz meditação e conhece bastante de budismo. Isso é bem legal.

- Não há problema em conhecer coisas sobre outras religiões. Não sou menos espírita por isso. O budismo tem ensinamentos muito bons e a prática da meditação me ajuda bastante.

- Quero aprender a meditar. -

Francisco se empolgou.

- Agora mesmo vai ter uma oficina de meditação. Vamos lá?

- Opa! Bora.



# Vamos investigar?

PROPOSTAS DE PESQUISA

## **SERÁ QUE?**

Na sua cidade há projetos sociais, culturais ou ambientalistas mantidos por instituições religiosas?

Que tal descobrir?!

## **VOCÊ SABIA?**

O Mosteiro Zen Morro da Vargem, em Ibiraçu, é o primeiro mosteiro zen budista da América Latina.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Dê um Google!**



## PARA REFLETIR

É possível aprender um pouco mais com a religião do outro? Conhecer a religião do colega é conhecer um pouco mais sobre ele. Isso nos enriquece como seres humanos e, também, possibilita a ampliação dos nossos horizontes.

# **CAPÍTULO 4**



## O DOM DA TOLERÂNCIA

- Pronto! Chegamos a Aracruz. - falou vô Antônio.
- Mas já? Achei que era mais longe.
- Não. É pertinho mesmo. Daqui a pouco estamos na casa da sua tia.

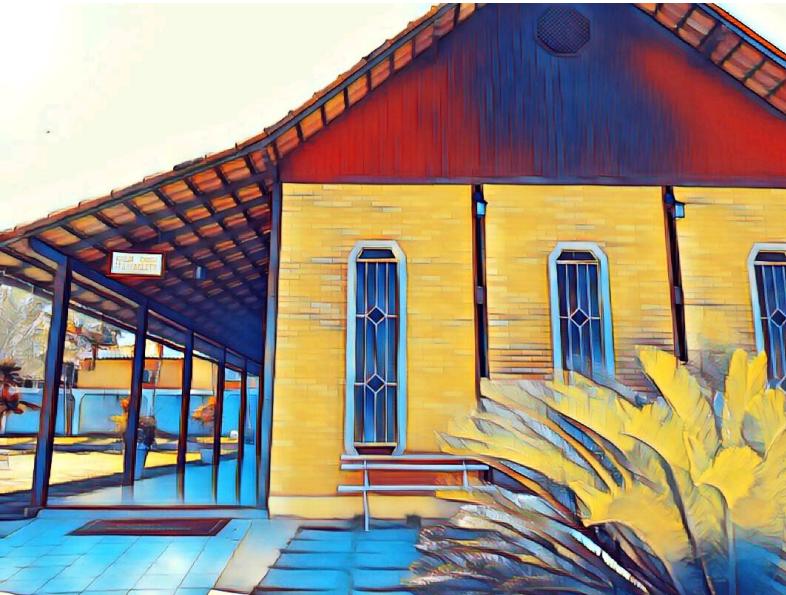
Antônio e Francisco chegaram à casa da tia Cida no bairro Vila Rica. Tocaram o interfone e Cida foi recebê-los.

- Bença, pai!
- Deus te abençoe, minha filha. - respondeu o velho.
- E esse menino enorme? - disse Cida abraçando Francisco.
- Bença, tia!
- Deus te abençoe, meu filho. E seus pais, estão bem?
- Estão sim.
- Tenho que ir a Vitória visitá-los antes de as férias acabarem.
- Mamãe falou a mesma coisa sobre vir ver você.

- Papai falou que vocês estão conhecendo as religiões do Espírito Santo.
- Sim. Estamos sim. Ele disse que você se tornou evangélica e poderia me contar um pouco sobre isso.
- Claro. Conto sim. Antes precisamos ir ao supermercado, porque sou enrolada e, mesmo sabendo que vocês vinham, não fiz compras.
- Essa é minha tia mesmo! - exclama o garoto.
- Que menino bobo! - responde a tia rindo.

No caminho do supermercado, Francisco pergunta:

- Por que você deixou de ser católica, tia?
- É um longo assunto, mas eu não participava mais da igreja tinha um tempo. Sei lá! Tinha perdido o interesse.

- 
- E como conheceu essa que a senhora está agora?
  - Um dia, uma amiga me convidou pra ir na Igreja Cristã Maranata. Eu aceitei o convite e fui.

- Sim. Deus falou comigo através de um irmão. Eu senti que aquela mensagem era real. Senti no fundo do meu coração. E foi aí que decidi ficar na igreja. Desci às águas do batismo e depois fui batizada com o Espírito Santo. Em tudo isso, Deus só confirmou que deveria ficar ali.

- Que interessante! - comentou o garoto.
- Vamos à igreja hoje comigo? - perguntou tia Cida.
- Claro, tia! Vou sim. Após as compras no supermercado.

Francisco e tia Cida voltaram para casa e Francisco logo chegou contando:

- E aí?
- Cheguei lá, a igreja é toda bonitinha, sabe? Feita de tijolinho, com jardim, ambiente agradável e aconchegante. O louvor é muito bonito, os instrumentistas são afinados e toda a igreja canta com muita vontade. Acho que essa foi a primeira impressão que tive. Até que um dia o Senhor falou comigo.
- O Senhor... Deus? - perguntou o menino com olhos arregalados.

- Vô, hoje vou à igreja com a tia Cida.
- Também irei, mas à missa. - brincou o avô. - Já que estamos falando sobre isto, você não gostaria de escutar um pouco sobre os pentecostais, Francisco? Você contaria, minha filha?
- Claro, pai. A Igreja Maranata, Francisco, é uma igreja pentecostal...
- O que é isso, tia?!



- Então, pentecostais são cristãos que acreditam que Deus concede dons miraculosos ainda hoje para os seus filhos. A Bíblia nos fala que no dia de Pentecostes, os seguidores de Jesus Cristo estavam reunidos em Jerusalém, e, então, um vento muito forte invadiu o lugar onde eles estavam e línguas de fogo desceram sobre cada um deles e todos começaram a anunciar o Evangelho por Jerusalém em várias línguas. Naquela época havia judeus de todos os lugares do mundo visitando Jerusalém para a festa do Pentecostes e todos ouviram o Evangelho em sua própria língua. Para nós, pentecostais, Deus ainda faz esse tipo de milagres.

- E que dons que Deus dá para as pessoas hoje?
- Deus concede muitos dons, inclusive o de falar em línguas estranhas, de curar doenças e de profecia. Lá na igreja, Deus muitas vezes usa um de seus servos para trazer revelações para as pessoas
- Nossa! Parece coisa de filme...
- Mas é real, Frans. Deus opera maravilhas naqueles que creem.

- Mas, hein, tia, me conta onde a Igreja Maranata começou. Ela é daqui do Brasil mesmo?
- É sim. Ela é fruto de um avivamento que aconteceu aqui no Espírito Santo.
- Sério? Que legal! E o que o nome dela significa?
- "Maranata" é a junção de duas palavras em aramaico, e significa "Vem, Senhor". Esse nome é pra lembrar que Jesus vai voltar a esse mundo ainda.

À noite, depois do culto, Franscico e tia Cida foram tomar um açaí e Francisco viu um casal na praça no centro da cidade. A mulher usava um longo vestido e cobria a cabeça com um véu.

- Tia, quem são aquelas pessoas?- Acho que são estrangeiros que vieram trabalhar no estaleiro de navios. São muçulmanos.
- Muçulmanos são aquelas pessoas que fazem terrorismo?
- Não, Francisco. Essa é uma visão preconceituosa. Existem mais de 1 bilhão de muçulmanos no mundo. Não se pode julgar tanta gente por causa de alguns fanáticos.

- 
- É verdade. É muita gente né?
  - Sim. E sobre os fanáticos: eles existem em todas as religiões.
  - Mas em que os muçulmanos acreditam?
  - Eles acreditam em Deus, que chamam de Allah, em árabe. Acreditam que o Profeta chamado Maomé recebeu o Corão, a Palavra de Deus, do Anjo Gabriel. Na verdade tem muitas crenças parecidas com os cristãos. Eles acreditam que Jesus era um Profeta, mas não era o Filho de Deus, e respeitam os homens de Deus da Bíblia e também Maria, a mãe de Jesus.
  - Isso é muito interessante.
  - Como cristã, discordo de muita coisa deles, mas isso não me impede de corrigir as pessoas quando elas tem pensamentos preconceituosos. - brincou a tia.
  - Ah! Não fiz por mal. É o que sempre ouvimos falar na tv, tia.
  - Eu sei, meu bem. Há muitas informações erradas que vimos por aí. Por isso que é importante conhecer para respeitar. Até porque respeitar também é um dom de Deus: o dom da tolerância.

Antônio e Francisco permaneceram na casa da tia Cida durante o fim de semana. Dali, iriam para Linhares buscar Silvana, uma amiga de Antônio, que iria para Vitória nas festividades de Iemanjá na Praia de Camburi.



# Vamos investigar?

PROPOSTAS DE PESQUISA

## SERÁ QUE?

Na família de alguém da turma tem pessoas de religiões diferentes? Se sim, como é a convivência?

Vamos conversar?

## VOCÊ SABIA?

O Islam é a segunda maior religião do mundo, tendo uma diversidade de ramos dentre os quais os mais conhecidos são o sunismo e o xiismo.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Dê um Google!**



## PARA REFLETIR

Tia Cida é uma pessoa fiel às suas crenças, mas não se conformou com a fala preconceituosa de Francisco sobre os muçulmanos, buscando desfazer as ideias estereotipadas do sobrinho.

Qual a sua opinião sobre a atitude dela? Você conhece alguém que age da mesma forma? Se não, qual é o motivo de as pessoas não terem a mesma atitude de tia Cida?

# **CAPÍTULO 5**

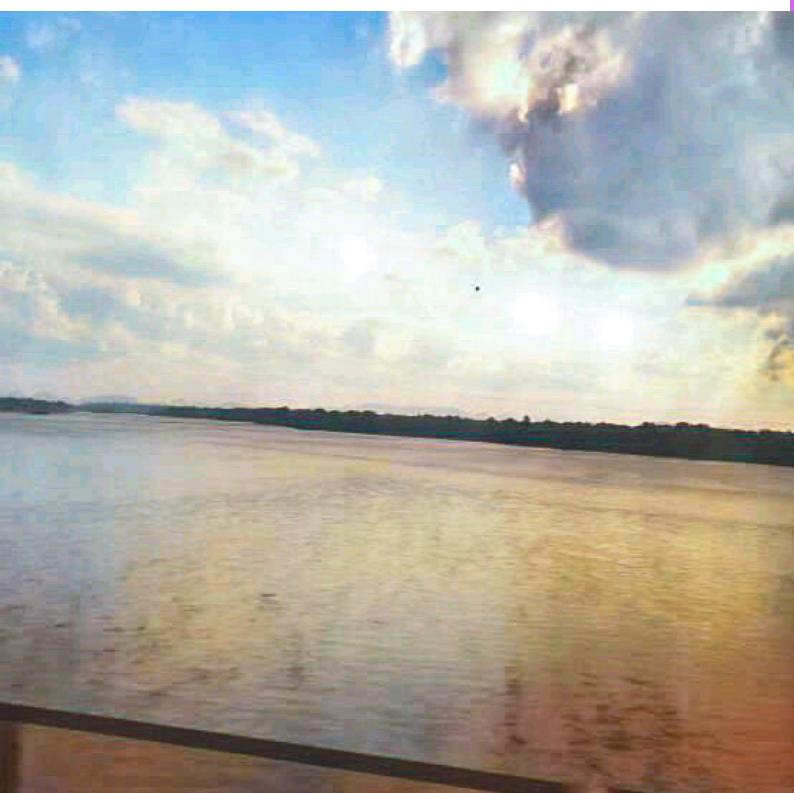


## AS ÁGUAS DE KAYA

- Que rio é esse, vô?

Francisco e vô Antônio estão chegando a Linhares sobre a ponte do Rio Doce.

- É o Rio Doce, Francisco.
- É aquele rio que foi poluído pela lama da barragem?
- Esse mesmo. A ganância dos seres humanos profanando o reino de Oxum.

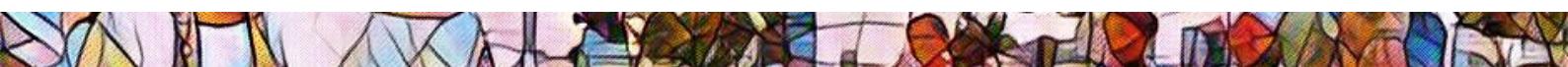


- Oxum? Quem é Oxum?

- Oxum é uma deusa africana dos rios e cachoeiras.
- É da religião da sua amiga Silvana?
- Garoto esperto! Isso mesmo.

Os dois chegaram à casa de Silvana. A viagem é no bate e volta. Já, já estarão novamente em Vitória. Silvana, mulher negra de uns quarenta e poucos anos, os recebe calorosamente:

- Olá, Antônio! Só assim pra visitar o amigos, hein! - fala Silvana enquanto vai abraçar o amigo.
- Pois é! Esse menino está me fazendo rever velhos amigos. - brinca Antônio.
- E esse meninão? Lembro dele quando era pequenininho.
- Você já me viu? - Francisco pergunta.



- Claro que sim! Mas você era muito pequeno, não iria lembrar. Vamos entrar, gente! Sempre é bom fazer uma boquinha antes de viajar.

- Na mesa, um delicioso bolo de chocolate aguarda os visitantes.

- Hmmm! Esse bolo tá muito bom.

- comenta o guri com a boca cheia.

- Olha a educação, Francisco! - responde o avô.

- Desculpa, vô! - Silvana, você é de que religião? Vovô disse que vocês cultuam deuses da África...

- Eu sou umbandista. Uma religião tipicamente brasileira que herdou tradições de vários povos: africanos, indígenas e europeus. Realmente nós cultuamos deuses africanos chamados orixás. Além da umbanda existem várias outras religiões de matriz africana no Brasil, cada uma com suas próprias tradições e ritos.

- Por que tantas tradições diferentes?

- Porque os africanos escravizados que chegaram ao Brasil eram de diferentes povos e etnias.

- Quais?

- Vieram bantus, jejes, iorubás, etc. Cada povo com suas próprias divindades: inquices, voduns, orixás. Aqui no Brasil esses povos reconstituíram seus cultos influenciando-se uns aos outros. Além disso, aprenderam sobre plantas medicinais e sagradas com os povos indígenas que já habitavam o Brasil e misturaram seus rituais aos do catolicismo romano e do espiritismo num sincretismo religioso.

- O que é sincretismo religioso?

- É quando se juntam elementos vindos de religiões diferentes. Os africanos usaram o sincretismo como forma de resistência, pra continuar a cultuar seus deuses e ancestrais disfarçando de devoções católicas sem serem punidos pelos senhores brancos.

- É aquela coisa de que todo mundo no Brasil tinha que ser católico né?

- É isso mesmo. Havia e ainda há muito preconceito com relação às religiões de matriz africana.

- Mas por quê esse preconceito?

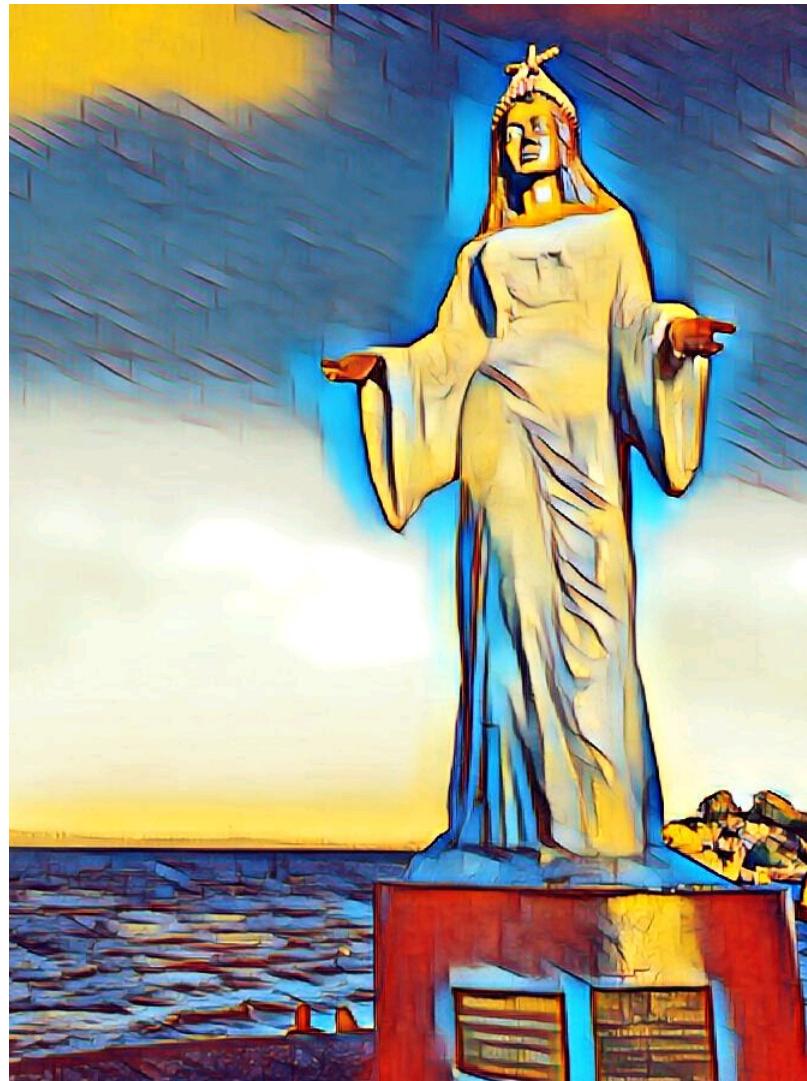
- Somos associados ao mal, ao demônio... e nem acreditamos no demônio, isso é coisa de cristão.

- Que horrível!
- Muito desse preconceito se deve também ao racismo, que é algo muito presente na nossa sociedade.
- Isso é muito triste, Silvana. Eu acho que todo mundo merece respeito.
- É triste, sim, Francisco. Há muitos casos de intolerância nos quais invadem nossos terreiros, centros e barracões e destroem nossos objetos sagrados. É só procurar no Google que você vai achar notícias sobre isso.
- Nossa! Vou procurar.

Após comer e conversar bastante, os três partem para Vitória.

É dia 2 de fevereiro, as férias estão quase no fim e Francisco conheceu um pouquinho mais do que conhecia do Espírito Santo. Deu de tardezinha, hora de ir à praia de Camburi assistir aos ritos em homenagem a deusa do mar Iemanjá... ou Kaya.

- Kaya?! Mas não era Iemanjá? - pergunta Francisco coçando a cabeça.



- Kaya é um dos nomes do inquérito do mar no Candomblé Angola. O primeiro festejo que vamos ver hoje. - responde o avô.

Ao chegar no Píer de Iemanjá, encontram pessoas com roupas brancas, saias rodadas e turbantes na cabeça.



O povo de santo carrega várias cestas de flores que vão ser levadas ao mar para homenagear a deusa.

- Oi, Silvana! - grita Francisco enquanto corre em direção à mulher.
- Oi, meu amiguinho! Preparado pra assistir o balaio?

Começou a procissão em direção à estátua de Iemanjá. O povo de santo levava seus balaios com flores e os depositavam aos pés da imagem. Francisco assiste:

- Que lindo! E essas músicas são em que língua?

As músicas eram cantadas num idioma banto, e todos os filhos de santo dançavam e reverenciavam a divindade das águas salgadas.

Após os cantos e a dança, todos entraram num grande barco e levaram suas oferendas de flores ao mar.

Enquanto isso, ao longo da praia os umbandistas se preparavam pra suas giras. À noite, candomblecistas vão para o barracão, onde continuarão a festa e umbandistas ficam na praia pra receber seus guias e entidades.

- Agora está tarde. Vamos para a casa! Vá se despedir de Silvana. - disse o avô.





O menino corre, abraça Silvana e diz:

- Silvana, gostei muito de te conhecer e gostei muito da sua religião. Nos veremos na próximas férias.  
- Eu também adorei te conhecer, menino. Vai com Deus!

No dia seguinte, Francisco e seus pais arrumam suas coisas para voltar para casa. Ao se despedir do avô, Francisco agradece:

- Obrigado, vô, por me fazer conhecer tantas coisas novas e legais. Estou ansioso pelas próximas férias.  
- Foi um prazer, mas vamos com mais calma nas próximas porque já vou estar mais velhinho. Vai com Deus, meu filho!

Francisco entra no carro para voltar a Bom Jesus. Se despede de Vitória cheio de alegria e já com saudades. Não vê a hora de estar de novo em terrinhas capixabas.



# Vamos investigar?

PROPOSTAS DE PESQUISA

## SERÁ QUE?

Há outras religiões de matriz africana ou afro-indígena como a Umbanda e o Candomblé no Brasil?

Vamos pesquisar?

## VOCÊ SABIA?

As religiões de matriz africana ainda sofrem muito preconceito no Brasil. Há muitos casos de centros, casas e terreiros que são depredados e de fiéis que são ameaçados por causa de sua fé em nosso país.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Dê um Google!**



## PARA REFLETIR

Como visto no capítulo 5, chegaram ao Brasil diversas etnias africanas durante o período do tráfico de pessoas escravizadas. Em geral, conhecemos mais a história e as religiões dos colonizadores europeus que dos demais povos que habitaram ou foram trazidos para o Brasil.

Hoje há uma facilidade maior de acesso à informação através dos meios digitais. É possível que a turma se aprofunde no estudo das outras culturas que foram importantes na formação do nosso país? Como? Reflita sobre isso com os colegas e a professora ou professor de Ensino Religioso.

# **APONTAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

**PARA EDUCADORES**

## 1. CONCEPÇÃO DE ENSINO (DO) RELIGIOSO

Como já dito, este pequeno livro foi elaborado para ser utilizado na disciplina de Ensino Religioso, portanto, acreditamos que seja necessário falar um pouco sobre a concepção de Ensino Religioso que embasa este material e os pressupostos teóricos nos quais se sustenta tal concepção.

Antes de tudo, gostaríamos de falar do "ensino do religioso". O termo foi tomado de Faustino Teixeira (2011) e adotado em nossa pesquisa de mestrado por fazer referência a um ensino focado no fenômeno religioso em suas múltiplas manifestações em detrimento do ensino confessionalizado.

O que seria, então, um ensino (do) religioso? Cremos que alguns apontamentos podem esclarecer este ponto.

Junqueira et al (2017) questiona qual é a particularidade do Ensino Religioso como área do conhecimento. Qual seu objeto de estudo? O autor afirma que a definição do que é o saber próprio Ensino do Religioso e de seu objeto de estudo tem sido discutida no âmbito da Educação no Brasil ao longo do tempo.

Segundo Senra (apud JUNQUEIRA et al., 2017), o Ensino Religioso é uma subárea do campo das Ciências da Religião denominada de Ciência da Religião aplicada.

As Ciências da Religião dizem respeito a um campo disciplinar em processo de definição que engloba diversas disciplinas no



estudo do fenômeno religioso, tais como a Teologia e a Filosofia da Religião, de caráter mais especulativo, e ciências mais empíricas como a Fenomenologia, a Psicologia, as Ciências Sociais e o Estudo Comparado das Religiões (TEIXEIRA, 2011).

O Ensino Religioso é "um conhecimento dos componentes básicos do fenômeno religioso, e o tratamento didático de seus conteúdos" (JUNQUEIRA et al., 2017) e pretende sensibilizar os alunos para uma valorização da própria experiência religiosa, assim como das experiências de outras pessoas.

Outra função do Ensino Religioso é a construção de valores éticos e a potencialização das relações interpessoais.

Conforme Teixeira (2011), as Ciências da Religião constituem uma possibilidade de fazer um ensino (do) religioso laico e adequado ao ambiente da escola pública.

As propostas temáticas deste material educativo baseiam-se na compreensão de que

[...] Dentre os diversos temas que podem ser trabalhados na disciplina estão a laicidade, por tratar das relações entre o Estado e as religiões, e o pluralismo religioso, num mundo onde diferentes religiões convivem e são colocadas em evidência (MAI, 2019, p. 41).

Este material, portanto, busca explorar as relações entre o pluralismo religioso e a laicidade, assim como temas derivados desse eixo central em consonância com as Ciências da Religião.

## **2. O ENSINO (DO) RELIGIOSO CRÍTICO: AS NOVELAS EDUCATIVAS E A COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO.**

À concepção de Ensino (do) Religioso apresentada une-se mais um elemento: a criticidade.

A criticidade, segundo Freire (2018), nasce da superação do senso comum, do pensamento ingênuo ou cotidiano. Ela não corresponde a uma ruptura com o pensamento cotidiano, mas o engloba e o supera qualitativamente. Ambos nascem da curiosidade que se tem quanto à vida e ao mundo.

A prática educativa, portanto, não deve ser a simples entrega de um conhecimento pronto que os alunos devem assimilar, mas uma prática que nasça a partir da curiosidade e da relação com a vida concreta dos sujeitos educandos e possibilite uma apreensão crítica da realidade.

Freire afirma que a curiosidade que interessa à prática pedagógica é uma "curiosidade epistemológica". A curiosidade ingênua, do cotidiano, é uma curiosidade espontânea, enquanto a curiosidade epistemológica é uma curiosidade rigorosamente metódica.

Outro autor que defende a rigorosidade metódica na prática educacional é o americano Matthew Lipman. Este autor, como Freire, propõe a superação das práticas tradicionais de ensino em direção a uma educação que promova o desenvolvimento do "pensamento complexo" ou "superior" (LIPMAN, 1997).



O pensamento complexo deve se manter atento à metodologia utilizada para se aproximar do objeto a ser conhecido. Isto demonstra que o pensamento de ordem superior do qual fala Lipman não se desenvolve de forma espontânea, mas de maneira intencional e metódica. Tal atitude diante do objeto cognoscível resulta em melhorias no ato cognitivo dos sujeitos.

Diante disto, podemos considerar que o pensamento crítico necessita da atividade educativa para se desenvolver. A prática pedagógica deve buscar o desenvolvimento da curiosidade epistemológica e de um modo de apreensão da realidade que promova a superação do pensar cotidiano/ingênuo em direção à criticidade.

Qual é, no entanto, a força motriz o pensamento crítico? Ambos os autores concordam que o diálogo é o elemento essencial da educação para a criticidade. Paulo Freire (1987) comprehende haver uma relação dialética entre o pensar crítico e o diálogo, o segundo pressupõe o primeiro e este necessita do segundo para se desenvolver.

A educação, para Freire, nasce da relação entre as pessoas, e Lipman reconhece a necessidade de uma comunidade discursiva para que se realize a discursividade que é o modo mais adequado de desenvolver as habilidades de raciocinar, analisar e conhecer.

Ao desenvolver suas ideias sob a perspectiva da dialogicidade,



esses autores recusam os modelos de educação nos quais o professor é o dono do saber e os alunos apenas receptáculos vazios que vão ser preenchidos com o saber dispensado pelo professor. A atitude dialogal reconhece que ambos, professor e alunos, possuem conhecimentos para compartilhar e crescer juntos.

Aqui podemos introduzir o conceito lipmaniano de "comunidade de investigação". A comunidade de investigação, calcada no diálogo, é uma comunidade discursiva que tem como principal mediador o texto em forma de narrativa (ou novela). A narrativa em Lipman, cumpre o papel de construir significados a partir de uma abordagem qualitativa, na qual os alunos se apropriam do texto como sendo seu, e construirão sua investigação sobre ele.

Aqui, vale salientar, que o professor constitui parte essencial da comunidade de investigação, conforme nosso ponto de vista. Em Lipman, o professor executa um papel mais próximo do de facilitador, porém, acreditamos que o papel do professor esteja além disso, pois, como afirma Freire (2018), o professor deve ser um participante ativo no diálogo, assim como um educador problematizador que sabe exercer sua autoridade, orientando, delegando tarefas, cobrando a produção dos educandos, etc.

A comunidade de investigação tem, portanto, em Lipman, o texto-narrativa como principal mediador da atividade educativa. Ressaltamos, porém, a importância do professor na condução dessa atividade. Sob uma perspectiva freirana, acreditamos que



ainda um outro elemento é necessário: a realidade concreta da vida.

Enquanto o objetivo da metodologia educativa de Lipman é a melhoria dos atos cognitivos dos alunos, para Freire (1987), a educação visa a transformação da realidade através da práxis, ou seja, da prática social reflexiva. Para isto, é necessário que a realidade funcione como mediadora da atividade educativa, sendo que esta deve se debruçar sobre ela afim de transformá-la.

Entendemos que nossa proposta de Ensino (do) Religioso crítico deve partir da investigação do texto para a investigação e a reflexão sobre a realidade. Tendo isto em mente, deve-se compreender que o diálogo não pode ficar restrito ao que está dado neste material, porém deve tocar na existência concreta dos alunos. Ambos, texto e realidade concreta, funcionam como mediadores da atividade pedagógica, estabelecendo entre si uma relação dialética.

Nesse ponto, novamente é necessário afirmar a importância do papel do professor em provocar reflexões, propor temas, incentivar os alunos a compartilhar suas experiências, etc. para que a investigação seja produtiva e verdadeiramente educativa.

Apresentamos a seguir um pequeno esquema, adaptado da metodologia lipmaniana de investigação, que pode ser servir de guia para o uso deste material.



## 2.2 Proposta de metodologia para uso do material

As seguintes etapas podem ser seguidas para constituir uma comunidade de investigação a partir da sala de aula:

### a) Apresentação do texto

O material é apresentado à classe pelo professor que fará as considerações iniciais sobre ele. Para a leitura da novela é interessante que seja realizada em voz alta através de um rodízio de leitura, no qual já há uma primeira divisão do trabalho entre os alunos, além de promover o estabelecimento de uma postura ética na alternância entre ler e escutar. Através da leituras, os alunos vão internalizando gradativamente as posturas e comportamentos dos personagens.

### b) A construção do roteiro

Esta etapa constitui o momento inicial da investigação, no qual os alunos irão apresentar suas primeiras reações ao texto e construir coletivamente um roteiro com os temas considerados mais importantes, assim como dúvidas e problemáticas.

### c) Consolidação da comunidade

Ínicio da discussão sobre os temas propostos, negociações, reflexão coletiva. Nesta etapa é interessante que os alunos apontem para questões da vida real: de que forma o texto dialoga com a realidade que vivem? O professor exerce um pa-



pel de suma importância ao provocar os alunos no sentido de que estes realizem um diálogo do texto com as suas vivências e tragam questões tiradas também da concretude da vida para o trabalho investigativo da comunidade.

#### **d) Uso de exercícios e planos de discussão**

A utilização de exercícios e propostas de discussão contribui para enriquecer a investigação. O próprio material possui algumas sugestões de questões que podem ser utilizadas, porém, é interessante que a discussão não se restrinja ao que é proposto nele. Recorrer ao conhecimento técnico, filosófico e científico sobre os assuntos é essencial para o desenvolvimento de um pensar crítico e a ampliação da compreensão de mundo dos alunos. A internet é um importante canal de acesso ao conhecimento, porém, nem tudo o que está na Web é de confiança ou relevante. Quanto a esta questão, o professor assume um papel de supervisor e orientador da pesquisa, garantindo que os alunos tenham acesso a conteúdo adequado.

#### **e) A estimulação de reações ulteriores**

Estimular a produção de textos, pinturas, música ou outras formas de expressão, além de promover a conscientização do que foi elaborado conjuntamente pela comunidade e da relevância dos novos conhecimentos para a atuação na vida concreta dos sujeitos e na sociedade.

# Créditos das imagens

As imagens utilizadas neste e-book são fotos reais dos lugares citados com filtros que simulam obras de arte. As fotos foram de autoria própria ou gentilmente cedidas por amigos. Abaixo segue os créditos das fotografias.

## Sumário

Atabaques na praia - João Felipe Reali Mai

## Página 12

Baía de Vitória e terceira ponte - João Felipe Reali Mai

Convento da Penha - João Felipe Reali Mai

## Página 17

Portal de Domingos Martins - Usilio Braz Pivetta

## Página 19

Igreja luterana de Domingos Martins - Usilio Braz Pivetta

## Página 25

Estrada (cabecário) - Adalgiza Gonçalves Gobbi da Silva

## Página 26

Portal japonês - João Felipe Reali Mai

Budas enfileirados - João Felipe Reali Mai

## **Página 27**

Buda com vegetação ao fundo - Adalgiza Gonçalves Gobbi da Silva

## **Página 34**

Igreja Cristã Maranata - João Felipe Reali Mai

## **Página 40**

Rio Doce em Linhares - João Felipe Reali Mai

## **Página 42**

Estátua de Iemanjá em Praia de Camburi - Fernanda Ferreira Furtunato

## **Página 43**

Dança de candomblé - João Felipe Reali Mai

Umbandistas na praia - João Felipe Reali Mai

# Referências

CONVENTO DA PENHA. **454 anos de história**. Disponível em: <http://conventodapenha.org.br/historico/>. Acesso em: 27 nov. 2018.

DOMINGOS MARTINS. **Datas**. Disponível em: <http://www.domingosmartins.es.gov.br/conheca-domingos-martins/historia/datas.html>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IEMA. **GEA – Mosteiro Zen Morro da Vargem**. Disponível em: <https://iema.es.gov.br/gea-mosteiro>. Acesso em: 01 dez. 2018.

IGREJA CRISTÃ MARANATA. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.igrejacristamaranata.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 01 dez. 2018.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo et al. **Socialização do Saber e Produção Científica do Ensino Religioso**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

LIPMAN, Matthew. **Natasha**: Diálogos Vygotskianos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MAI, João Felipe Reali. **Ensino (do) Religioso e laicidade**: princípios para uma educação da liberdade religiosa. 2019, 116 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória. 2019.

**PORTAL LUTERANOS. História da Paróquia Evangélica de Confissão**

**Luterana em Domingos Martins/ES.** Disponível em:

<https://www.luteranos.com.br/conteudo/hi-historia-da-paroquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-domingos-martins-es>. Acesso em: 01 dez. 2018.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. O “ensino do religioso” e as ciências da religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 839-861, out./dez. 2011.

Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n23p839/3319>. Acesso em: 02 mai. 2017



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-8263-486-8



9 788582 634868